

## FÉ E RAZÃO EM SANTA EDITH STEIN

*FAITH AND REASON IN SANTA EDITH STEIN*

Carlos Vargas<sup>1</sup>

### RESUMO

São João Paulo II canonizou Edith Stein como Santa Teresa Benedita da Cruz, citando-a como um exemplo de “itinerário espiritual” que soube relacionar fé e razão. A trajetória intelectual da filósofa, a partir da influência husserliana inicial, passou pelo debate contemporâneo sobre a filosofia cristã. O artigo elabora a resposta steiniana a partir de alguns elementos biográficos, de suas obras e de algumas contribuições do pensamento de Jacques Maritain.

Palavras-chave: Edith Stein. Filosofia Cristã. Fé e Razão.

### ABSTRACT

St. John Paul II canonized Edith Stein as Saint Teresa Benedict of the Cross, citing her as an example of a “spiritual journey” that knew how to relate faith and reason. The philosopher’s intellectual trajectory, from the early Husserlian influence, went through the contemporary debate on Christian philosophy. The paper elaborates the Steinian answer from some biographical elements, his works and some contributions of Jacques Maritain’s thought.

Keywords: Edith Stein. Christian Philosophy. Faith and Reason.

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e membro do *Edith Stein Circle*. Entre outras obras, é autor do livro *Para uma Filosofia Husserliana da Ciência* (Edições Loyola). E-mail: carlos.vargas@ibge.gov.br

# 1 IMPORTÂNCIA DE EDITH STEIN NO DIÁLOGO ENTRE FÉ E RAZÃO

A questão da filosofia cristã continua atual e foi retomada por São João Paulo II (1920-2005) na Encíclica *Fé e Razão (Fides et Ratio)*, publicada em 1998: “com aquela designação [filosofia cristã], deseja-se sobretudo indicar um modo cristão de filosofar, uma reflexão filosófica concebida em união vital com a fé” (JOÃO PAULO II, 1998a, 73). Uma das referências da filosofia cristã, segundo o Papa São João Paulo II, é justamente Santa Edith Stein (1891-1942), que ele mesmo beatificou, canonizou e declarou como copadroeira da Europa. Mais exatamente, o “itinerário espiritual” steiniano é um exemplo de como a pesquisa filosófica pode se beneficiar do confronto com os dados da fé.

A relação entre a filosofia e a palavra de Deus manifesta-se fecunda também na investigação corajosa realizada por pensadores mais recentes, de entre os quais me apraz mencionar, no âmbito ocidental, personagens como John Henry Newman [1801-1890], Antônio Rosmini [1797-1855], Jacques Maritain [1882-1973], Étienne Gilson [1884-1978], Edith Stein... A consideração do itinerário espiritual destes mestres não poderá deixar de contribuir para o avanço na busca da verdade e na utilização dos resultados conseguidos para o serviço do homem. Espera-se que esta grande tradição filosófico-teológica encontre, hoje e no futuro, os seus continuadores e estudiosos para bem da Igreja e da humanidade (JOÃO PAULO II, 1998a, 73-74).

## 1.1 ALGUNS ELEMENTOS BIOGRÁFICOS DE EDITH STEIN

As posições filosóficas de Edith Stein estão ligadas às experiências intelectuais e religiosas que ela viveu com profundidade. Desde cedo, Edith Stein (2018) manifestou uma busca pela Verdade, que culminaria, anos depois, no encontro com Nosso Senhor Jesus Cristo, como São João Paulo II explicou no discurso da canonização, em 1998:

No início, o seu ideal foi a liberdade. Durante muito tempo, Edith Stein viveu a experiência da busca. A sua mente não se cansou de investigar e o seu coração de esperar. Percorreu o árduo caminho da filosofia com ardor apaixonado e, no fim, foi premiada: conquistou a verdade; antes, foi por ela conquistada.

De fato, descobriu que a verdade tinha um nome: Jesus Cristo, e a partir daquele momento o Verbo encarnado foi tudo para ela. Olhando como Carmelita para este período da sua vida, escreveu a uma Beneditina: “quem procura a verdade, consciente ou inconscientemente, procura a Deus” (JOÃO PAULO II, 1998b, 5).

Até 1916, não se observa um interesse explícito em Edith Stein pela religião, chegando a viver alheia às práticas religiosas, mas sua atitude pelo fenômeno religioso começou a mudar em 1913, quando ela passou a levar essa dimensão em consideração (SANCHO FERMÍN, 2008, p. 15). A sua busca da verdade já se manifestava nas verdades que ela encontrava nos estudos, especialmente em seus contatos com Adolf Reinach (1883-1917), Edmund Husserl (1859-1938) e Max Scheler (1874-1928). Neste período, suas experiências no círculo fenomenológico de Göttingen, ajudaram-na a perceber essa realidade da fé que serve como fundamento da existência de tantas pessoas.

Durante a sua frequência aos cursos ministrados por Edmund Husserl na Universidade de Göttingen, entre 1913 e 1916, ela assimilava rapidamente o método fenomenológico, aplicando-o ao exame de um tema de pesquisa que permanecerá, embora sob formas diversas, constante no seu itinerário filosófico: a questão do conhecimento do outro, entendido como ser humano que se põe em relação comigo mesmo (ALES BELLO, 1998, p. 313).

Edith Stein (1999, 2018) passou das reflexões filosóficas inspiradas em Edmund Husserl para a fenomenologia, quando foi aumentando a importância das experiências religiosas e da transformação completa da alma na busca da verdade. Esse caminho a conduziu para um desenvolvimento filosófico muito pessoal (VARGAS, 2012, 2018, 2019), conduzindo-a na busca da “grande verdade metafísica: a unidade entre conhecimento filosófico e a visão do mundo, de um lado; a unidade entre a doutrina e a vida, de outro (ou seja, a vida conforme a doutrina)” (LEUVEN; GELBER, 2004, p. 258).

Neste sentido, aparece a coerência do seu itinerário espiritual, que ocorreu após o seu batismo em 1922, passando dos problemas estritamente filosóficos e fenomenológicos para a abertura ao catecismo católico, ao missal romano, ao breviário litúrgico e à ação pastoral como meios de contemplação do mistério. Edith Stein foi atraída pela oração pessoal e contemplativa de tal

maneira que recomendava a oração diária para compreender a vontade de Deus na vida e no mundo. Inspirada em santa Teresa de Jesus [1515-1582], Edith Stein assume que as palavras das Sagradas Escrituras e os símbolos místicos são mais do que palavras para comunicar algo, pois são espécies de ‘moradas’ em que deveríamos viver (VARGAS, 2012, p. 169).

O professor Francisco Javier Sancho Fermín (2008, p. 38) observou que a conversão de Edith Stein “foi um acontecimento radical, fruto de uma longa busca e de um profundo convencimento de ter encontrado a Verdade” (SANCHO FERMÍN, 2008, p. 38). Nesse processo de conversão pessoal na busca pela verdade, Edith Stein foi batizada católica pelo padre Eugen Breitling no dia primeiro de janeiro de 1922, tendo a filósofa (protestante) Hedwig Conrad-Martius como madrinha. O padre que a batizou fez contato o padre Joseph Schwind (1851-1927), o qual a indicou para trabalhar no magistério com as irmãs dominicanas de Espira (Speyer), em 1923.

A partir de seu batismo, Edith Stein passou a colaborar com um grupo de intelectuais católicos que incluía o filósofo, recentemente convertido, Dietrich Von Hildebrand (1889-1977), o sacerdote jesuíta Eric Przywara (1889-1972) e o monge Dom Daniel Feuling (1882-1947), beneditino da Arquibadia de Beuron. Este mosteiro tinha mais de 300 monges e a maior biblioteca monástica da Alemanha. Era um centro espiritual que possuía uma faculdade de teologia e filosofia. Beuron ganhou fama também pela sua contribuição para a renovação da liturgia, preparando o caminho do Concílio Vaticano II (1962-1965).

Dom Daniel Feuling foi um filósofo e apresentou uma crítica perspicaz à ideologia nacional-socialista que, ainda hoje, vale a pena ser lida. Seguindo uma sugestão de Max Scheler, em 1916, Feuling foi um dos pioneiros da recepção das obras de São John Henry Newman, canonizado pelo Papa Francisco, em 2019. Junto com Von Hildebrand e Erich Przywara, Feuling trabalhou na tradução e publicação das obras do santo cardeal. Em 1925, Edith Stein conheceu pessoalmente o padre Przywara, que a convidou para ajudar nessas traduções. Foi providencial que Edith Stein tenha traduzido justamente as cartas e os diários do Cardeal Newman, escritos durante o período de sua conversão do anglicanismo ao catolicismo (UWE MÜLLER; AMATA NEYER, 2004, p. 168-169).

O padre Joseph Schwind foi amigo e orientador espiritual de Edith Stein até sua morte em 1927. Para substituí-lo, Erich Przywara recomendou-lhe Dom Raphael Walzer (1888-1966), Arquibade de Beuron, que incentivou a filósofa a trabalhar no

ensino e na pesquisa, pois era uma mulher de grande destaque no contexto intelectual daquele tempo (SANCHO FERMÍN, 2008, p. 39).

O seu diretor espiritual, Dom Rafael Walzer, beneditino, manifestou-lhe que a sua fé devia ser manifestada na sociedade em que vivia, o ambiente universitário, e devia ajudar a Igreja com as suas conferências e trabalhos científicos. Sendo uma excelente educadora, era muito necessário o seu trabalho na Igreja... O apostolado da filósofa Stein foi surpreendente como professora de Pedagogia... Foi também grande conferencista a nível Europeu (CARMELO DE CRISTO REDENTOR, 1998, p. 27-28).

## 2 ITINERÁRIO BIBLIOGRÁFICO DE EDITH STEIN NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA CRISTÃ

Em 1925, Edith Stein diminuiu sua carga horária de magistério, em Espira, e formulou um plano de pesquisa sobre a metodologia da filosofia tomista, comparando-a com a epistemologia fenomenológica. Este projeto intelectual conduziu a sua produção científica nos anos seguintes. Como parte do círculo intelectual do mosteiro beneditino de Beuron, Edith Stein trabalhou na tradução para o alemão da obra *Questões disputadas sobre a verdade* (*Quaestiones disputatae de Veritate*), de São Tomás de Aquino (1225-1274). A filósofa trabalhou nesse projeto entre 1925 e 1928, sendo que a tradução foi publicada em 1932 com um volume de índices.

A tradução das *Questões disputadas sobre a verdade*, de São Tomás de Aquino, foi de grande importância para a formação tomista de Edith Stein, pois ela se empenhou não só em traduzir a obra, mas confirmou seu profundo conhecimento filosófico e possibilitou-lhe analisar mais detalhadamente o conjunto da obra do *Aquinate*. Por causa disso, essa tradução foi muito apreciada e elogiada não só na Alemanha e nos países de língua alemã, mas em todo o mundo tomístico da época (SANTOS, 2012, p. 104).

Em 1929, foi publicada uma versão do seu texto *A fenomenologia de Husserl e a filosofia de São Tomás de Aquino. Ensaio de comparação* (*Husserls Phänomenologie und die Philosophie des heiligen Thomas von Aquino. Versuch einer Gegenüberstellung*), no contexto das comemorações do 70º aniversário de Edmund Husserl (STEIN, 2019).

Edith Stein apresenta o método fenomenológico desenvolvido por Husserl e a perspectiva da razão natural e sobrenatural desenvolvida por São Tomás de Aquino. No entanto, a grande inovação contida no artigo não é a apresentação resumida do conjunto das ideias de um pensador medieval, ou seja, Tomás de Aquino, e um contemporâneo, Edmund Husserl, mas o fato dela demonstrar que o método fenomenológico pode ser aplicado a problemas que, até aquele momento, isto é, 1929, não tinham sido pensados pela fenomenologia, como, por exemplo, a relação entre a fé, o saber e a mística (SANTOS, 2012, p. 105).

Em 1931, Edith Stein (2007c) começou a escrever a obra *Ato e Potência (Potenz und Akt)* como um projeto de uma nova tese de habilitação sobre São Tomás de Aquino e a filosofia moderna para obter uma cátedra em Freiburg. O trabalho foi publicado postumamente apenas em 1998. Em 1932, Edith Stein (2019) foi a única fenomenóloga a participar do Congresso Tomista de Juvisy, onde ela fez intervenções nos debates, comparando fenomenologia e tomismo.

Ela foi a única mulher a ser convidada e a pronunciar uma palestra. No ensejo, ela apresenta uma visão geral do método fenomenológico e das teorias de Husserl e depois apresenta o diálogo Husserl – Tomás de Aquino... ela demonstra que o método fenomenológico não pode ser usado apenas para a pesquisa em epistemologia científica. Ele deve ser utilizado em outras pesquisas que, muitas vezes, não constam do cânone da ciência, como é o caso da vida mística. Do outro lado, ela apresenta um Tomás de Aquino vivo... um pensador universal capaz de dialogar com qualquer escola filosófica, como é o caso da fenomenologia (SANTOS, 2012, p. 105-106).

No dia 14 de outubro de 1933, Edith Stein ingressou, como postulante, no Carmelo de Colônia, Alemanha. Era véspera da solenidade da Fundadora e intercessora de sua conversão: Santa Teresa de Jesus. O Carmelo de Colônia, primeira fundação do Carmelo Teresiano na Alemanha, não teve uma história tranquila, mas vivia um momento muito especial, preparando-se para uma fundação na terra natal de Edith Stein (Silésia) e lidando com um aumento do interesse pela espiritualidade carmelitana (SANCHO FERMÍN, 2008). Ela recebeu o hábito carmelita no ano seguinte (15/4/1934), escolhendo o nome de irmã Teresa Benedita da Cruz (PEDRA, 1998, p. 42-43).

É desse amadurecimento profundo que nasce sua convicção religiosa e o empenho de suas energias vitais na vida religiosa

carmelita como uma opção para buscar a verdade plenamente. Em suas obras, Edith Stein assume, em certos aspectos, a perspectiva carmelita que marcou a sua vida, chegando a usar a imagem teresiana do castelo interior e das moradas para tratar da alma. Se a oração nos coloca no centro da alma e em relação com Deus, neste movimento para a própria interioridade, a pessoa atualiza as potências do espírito e do intelecto (VARGAS, 2012, p. 169).

Entre 1935 e 1936, a filósofa escreveu a obra *Ser finito e ser eterno: ensaio de uma ascensão ao sentido do Ser (Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins)*, publicada postumamente em 1950. Em 1941, no Carmelo de Echt, um ano antes da sua morte, Edith Stein (2004c) escreveu *As Vias do Conhecimento de Deus: a "Teologia Simbólica" do Areopagita e seus pressupostos objetivos (Wege der Gotteserkenntnis. Die "Symbolische Theologie" des Areopagiten und ihre sachliche Voraussetzungen)*.

Edith Stein apresenta um lado que, na primeira metade do século XX, era pouco conhecido de Tomás de Aquino. Naquela época, havia uma grande preocupação de apresentá-lo como racional, defensor da Pólis, do *Logos* e da Igreja. Diante de uma sociedade cada vez mais atea e secularizada que, sem nenhum pudor, se levantava contra a Igreja, era preciso apresentar o *Aquinato* como um guardião da cristandade. No entanto, ela apresenta o lado místico e defensor da dignidade humana de Tomás de Aquino (SANTOS, 2012, p. 106).

Com o seu martírio em Auschwitz, Edith Stein deixou inacabada, em 1942, a obra *Ciência da Cruz ("Kreuzeswissenschaft")*, sobre São João da Cruz (1542-1591), celebrando o quarto centenário de nascimento do famoso frei carmelita descalço. Neste livro, entre outros temas, a filósofa refletiu sobre a visão mística e os limites possíveis do conhecimento humano sobre a verdade:

*É possível descrever a experiência mística? Este é o tema que Edith Stein abordou em sua última obra, "Kreuzeswissenschaft: Studie über Johannes a Cruce", analisando justamente os escritos de São João da Cruz, nos quais aparece uma ciência sui generis, a "scientia crucis". Justamente porque permanece adepta do espírito de pesquisa que caracteriza a fenomenologia husserliana, está sempre viva nas análises de Edith Stein a exigência de captar o que é essencial, a estrutura íntima e profunda dos fenômenos, das questões. Pode-se notar como tudo isso está presente na investigação sobre o significado da filosofia, da teologia, da fé; e torna a encontrar-se na análise da mística (ALES BELLO, 1998, p. 318-319).*

Pela experiência da Cruz, Edith Stein alterou sua perspectiva epistemológica, ampliando sua consideração da experiência humana e suas implicações. Ela seguiu a metodologia husserliana e, em certo ponto da sua investigação, entendeu o *retorno às coisas mesmas*, como a “instalação pessoal, crente e amorosa, no *Ser Supremo*, o qual é princípio, fundamento e finalidade de toda realidade finita e de toda vida pessoal, especialmente da vida humana compreendida à luz da ‘ciência da cruz’” (VARGAS, 2012, p. 170).

Quando falamos em ciência da cruz, devemos entender que não se trata de uma ciência no sentido comum da palavra, nem somente de uma teoria, ou de um simples sistema de asserções verdadeiras. Tampouco de um sistema formal, fruto do pensamento lógico. Ela é, isto sim, uma verdade já aceita, uma teologia da cruz: verdade viva, real e eficaz, comparável a uma semente que, quando lançada na alma, deita raízes, dando-lhe características especiais e determinando-lhe a conduta... É nesse sentido que se fala em ciência dos santos e que falamos em ciência da cruz. É das características e energias vitais, latentes nas profundezas da alma, que nascem a concepção da vida e a perspectiva em que são encarados Deus e o universo, podendo, dessa maneira, ser caracterizadas e sintetizadas numa teoria. Assim é que a doutrina de nosso Pai, são João da Cruz, deve ser considerada (STEIN, 2004, p. 11-12).

### 3 DIÁLOGO STEINIANO ENTRE O PENSAMENTO CATÓLICO E A FILOSOFIA MODERNA

Edith Stein (2007b, p. 621) comparou com uma “viagem” esse desafio intelectual de aproximar-se da filosofia cristã de São Tomás de Aquino a partir das referências fenomenológicas que aprendeu com Edmund Husserl. Na metáfora, a fenomenologia era sua “terra natal” e ela queria chegar a uma “catedral escolástica”. O desafio está em “traduzir” as linguagens filosóficas diferentes, além de adaptar as atitudes diferentes em relação ao conhecimento e ao ser.

No contexto da época, vivia-se a “crise do modernismo” e os novos sacerdotes precisavam fazer um “juramento antimodernista” (1910-1967). Ainda estava em vigor o *Index Librorum Prohibitorum* (*Índice dos Livros Proibidos*), que seria abolido depois por São Paulo VI (1897-1978). Edith Stein, em 1926, precisou pedir autorização do Bispo de Espira, Dom Ludwig Sebastian (1862-1943), que a crismou, para conservar

e estudar obras listadas *no Index* de autores como Henri Bergson (1859-1941), David Hume (1711-1776), Immanuel Kant (1724-1804), John Locke (1632-1704) e Baruch Spinoza (1632-1677).

Desde a encíclica *Aeterni Patris*, do Papa Leão XIII (1810-1903), em 1879, o tomismo era a principal escola da teologia católica: “com grave empenho exortamos a que, para defesa e glória da fé católica, pelo bem da sociedade e pelo incremento de todas as ciências, renoveis e propagueis vastamente a áurea sabedoria de São Tomás” (LEÃO XIII, 1879, 33). Contudo, o “neotomismo” e a “neoescolástica” estavam na defensiva, isolando-se das correntes do pensamento moderno. Havia um sentimento de um forte combate contra a fé católica, oferecendo “grave perigo” para a sociedade em geral:

Primeiramente, sendo costume em nossos dias tempestuosos combater a fé com as maquinações e as astúcias de uma falsa sabedoria... Ademais, existem muitos dos homens que, apartando seu espírito da fé, desprezam os ensinamentos católicos, professando que, para eles, só a razão é mestra e guia... Mesmo a sociedade civil e a doméstica, que se acham, como todos sabemos, em grave perigo por causa da peste dominante das opiniões perversas, viveriam certamente mais tranquilas e seguras, se, nas Academias e nas escolas, se ensinasse doutrina mais sã e mais conforme o ensinamento do Magistério da Igreja, tal como contêm os volumes de Tomás de Aquino (LEÃO XIII, 1879, 30-31).

Enquanto isso, Edith Stein se perguntava: como é possível um diálogo construtivo do pensamento católico com a filosofia moderna? Ela partia da rigorosa crítica fenomenológica que havia mostrado os limites da filosofia moderna. Edmund Husserl mostrou o caminho para o “essencial”, retornando às “coisas mesmas”, o que poderia ser uma pista de uma nova compreensão do pensamento ontológico da metafísica antiga e medieval (UWE MÜLLER; AMATA NEYER, 2004, p. 153). Essa é uma orientação filosófica que ajudou a abrir o caminho para o Concílio Vaticano II.

De maneira particular e dificilmente previsível, a linha da filosofia católica e a linha da filosofia universitária internacionalmente ligada a Husserl tangenciaram-se em vários pontos. Por um lado, numerosas interpretações de Tomás de Aquino nasceram deste tangenciamento. Por outro lado, também graças a ele, o pensamento alemão conheceu um extraordinariamente frutuoso retorno da filosofia à questão do Ser, como mostram as abordagens de Paul Ludwig Landsberg

[1901-1944], Nicolai Hartmann [1882-1950] e Max Scheller... Edith Stein considerava perfeitamente possível conectar os séculos XIII e XX. Críticos de renome, a começar pelo próprio Przywara, confirmaram o sucesso da tentativa steiniana (GERL-FALKOVITZ, 2019, p. 22).

Edith Stein percebeu semelhanças entre o tomismo e a fenomenologia, a partir de sua análise das *essências objetivas*: “o procedimento da redução eidética, que põe de lado a existência factual, bem como tudo o que é acidental, justifica-se – quando analisado tomisticamente – pela distinção entre essência e existência em todas as criaturas” (STEIN, 2019, p. 179). A investigação fenomenológica da essência permitiu que a filósofa reorientasse os fundamentos do seu pensamento, indo além do iluminismo, questionando criticamente as posturas céticas, seguindo a *epoché* husserliana que põe mundo entre parênteses, revendo a significação do próprio “eu” e dos seus atos (GERL-FALKOVITZ, 2015, p. 278). A filósofa observou que o sujeito da epistemologia não está isento das condições empíricas. Ela almejava uma metafísica crítica que examinasse seus pressupostos, para verificar se eram possíveis em uma vida pessoal que unisse teoria e prática.

Na filosofia católica, o ponto de partida steiniano não foi exatamente o “neotomismo”, enquanto “teologia escolástica católica”, mas o próprio São Tomás de Aquino, que ela buscou diretamente na fonte, coerentemente com as orientações do Papa Leão XIII, o qual recomendava ir direto à fonte:

Procurem os mestres sabiamente eleitos por vós insinuar nos ânimos de seus discípulos a doutrina de são Tomás de Aquino e ponham em evidência sua solidez e excelência sobre todas as demais... Mas, para que não se beba a suposta doutrina pela verdadeira, nem a corrompida pela sincera, cuidem para que a sabedoria de são Tomás seja tirada das mesmas fontes (LEÃO XIII, 1879, 33).

#### 4 É POSSÍVEL UMA FILOSOFIA CRISTÃ?

A Professora Angela Ales Bello explicou a posição steiniana no debate filosófico que ocorreu nas décadas de 1920 e 1930 no contexto da filosofia francesa, dialogando com pensadores como Jacques Maritain e Étienne Gilson que se opunham a Émile Brehier (1876-1952):

Tratava-se de estabelecer se a investigação filosófica vivia em sua pureza metodológica ou se podia, de alguma maneira, estar ligada a quem pratica a pesquisa, ao filósofo comprometido com a sua humanidade e com a sua experiência, mesmo religiosa. Edith Stein conhece o debate que se está realizando no ambiente francês e, também ela, sente a exigência de retornar às fontes da filosofia cristã e inicia a sua leitura das obras de São Tomás de Aquino e a tradução em alemão do *De Veritate* (ALES BELLO, 1998, p. 315).

Se Étienne Gilson (2006, p. 7) e Jaques Maritain (1932) defendiam a possibilidade de uma filosofia cristã, Émile Brehier entendiam que havia uma separação essencial entre a filosofia e a religião: “Gilson e Maritain procuravam, pelo contrário, demonstrar que alguns pontos fundamentais da Revelação podiam ser utilizados ou servir de sustentação a intuições filosóficas anteriores, pelo que, em certa medida, é possível falar de uma filosofia cristã” (ALES BELLO, 1998, p. 315). Edith Stein (2007b) não queria se envolver em polêmicas, mas, em *Ser Finito e Ser Eterno*, a filósofa enfrentou a questão da filosofia cristã. Ela percebeu a interação entre fé e razão, incluindo a experiência mística, a partir da busca da verdade comum a filósofos, teólogos e místicos.

Edmund Husserl sempre tomou o cuidado metodológico de separar o momento da pesquisa filosófica da experiência da fé. O filósofo germânico buscou uma filosofia “pura”, considerando a evidência, como um critério fundamental. Retomando essa questão, Edith Stein, em *Ser Finito e Ser Eterno*, apresenta uma discussão sobre os objetos e as metodologias da filosofia e das ciências. Ela apresenta algumas questões para refletir sobre uma distinção apresentada por Jacques Maritain, que era um luterano convertido, na obra “*Da filosofia cristã*” (“*De la philosophie chrétienne*”, 1933), que havia sido traduzida para o alemão em 1935. Para explicar o sentido e a possibilidade de uma filosofia cristã, Maritain (1932) distingue entre “natureza” (“*nature*”) e “estado” (“*état*”) da filosofia.

O estado da filosofia é a sua situação histórica nas condições concretas de existência e exercício humano. Considerando essa realização da filosofia, pode-se falar em um “estado cristão da filosofia”. A natureza da filosofia envolve uma discussão mais complexa. Edith Stein (2007b, p. 624) distingue o “filosofar vivo”, a filosofia como “atitude permanente do espírito” e a “filosofia como ciência”.

A filósofa cita as “*Investigações Lógicas*” (“*Logische Untersuchungen*”) de Edmund Husserl (1975) para explicar que a ciência pode ser entendida como uma estrutura independente dos sujeitos pensantes, mas, mesmo assim, pressupõe a capacidade intelectual de pessoas (entes) que possam conhecer progressivamente. Edith Stein (2007b, p. 625-630) analisa a relação peculiar entre a filosofia e as ciências no período contemporâneo. As diversas disciplinas científicas devem ter objetos e métodos bem separados, considerando a autonomia de suas atividades e para evitar arbitrariedades. Contudo, a filosofia precisa levar em conta os dados das diversas ciências e esclarecer seus conceitos e métodos fundamentais. Ao buscar um esclarecimento último dos fundamentos do conhecimento, a filosofia se volta para a estrutura do ser enquanto tal.

Edith Stein (2007b, p. 631) cita o exemplo da *Metafísica* de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), que designou essa investigação como “filosofia primeira”. Edith Stein observa que, se as ciências fossem realmente construídas a partir de fundamentos estabelecidos pela filosofia, teríamos “ciências verdadeiramente filosóficas” compondo uma unidade do conhecimento científico que corresponderia à unidade do ente. Ela sabia que essa é uma situação ideal que nunca será alcançada.

Quanto ao “estado da filosofia”, seguindo Jacques Maritain (1932), Edith Stein (2007b, p. 632) observa que a fé cristã pode influenciar a filosofia da seguinte maneira: a) fortalecendo e purificando o espírito humano para que tenha menos erros, b) oferecendo conceitos da doutrina da fé, c) influenciando, com o pensamento cristão, o ambiente onde as filosofias são desenvolvidas. São João Paulo II (1998a, 76) retomou essa questão dos aspectos subjetivos e objetivos da “filosofia cristã” na Encíclica *Fé e Razão*.

Resumidamente, uma filosofia cristã pode significar o seguinte, para Edith Stein (2007b, p. 636): a) uma atitude espiritual do filósofo cristão, b) o conjunto de doutrinas assumidas pelos pensadores cristãos, c) o ideal de um “*perfectum opus rationis*” (“perfeita obra racional”) que conseguiria abarcar a Revelação e o conjunto daquilo que a razão natural nos oferece, estabelecendo, idealmente, uma doutrina englobando a totalidade da teologia e da filosofia. Edith Stein viu o exemplo desse esforço de síntese entre filosofia e teologia nas “*Sumas*” medievais, mas sem conseguir abarcar completamente esse ideal de abarcar a totalidade da verdade:

Em *Ser Finito e Ser Eterno*, Edith Stein oferece o exemplo das *Summae* medievais. Uma *Suma* pode ser teológica ou filosófica, dependendo da ênfase. A filosofia cristã não é uma

“filosofia pura”. Um exemplo é a filosofia tomista que, na sua investigação, assume respostas obtidas pela Fé para ajudar a resolver problemas insolúveis para os meios específicos da Razão, como a questão acerca da origem da alma humana (ALES BELLO, 1998, p. 315).

## 5 ORIGINALIDADE DE EDITH STEIN ENTRE EDMUND HUSSERL E SÃO TOMÁS DE AQUINO

Edith Stein assume a “incompletude” da filosofia e da ciência humana, por mais perfeitas que possam ser nas realizações de seus ideais. O estudo dos fundamentos últimos do ser, em sua unidade e plenitude, é “inesgotável” conceitualmente, ainda que se fizesse o trabalho humanamente mais perfeito. Se a filosofia está aberta à teologia, sempre pode receber um complemento. A própria teologia, por sua vez, está aberta a complementos na medida em que se desenvolve historicamente assimilando progressivamente a Revelação. Esta, por sua vez, não abarca “a plenitude infinita da verdade divina”, mas segue a forma como Deus, em Sua Sabedoria, se comunica ao ser humano.

Se a fé é uma ‘luz obscura’ para o filósofo, que amplia, sim, os seus conhecimentos através dela, mas não consegue penetrar intelectivamente os seus conteúdos, ela o é, em certa medida, também para o teólogo... Com a expressão teológica ‘fé’, entende-se a atitude humana de adesão, mas também o objeto ao qual se adere e, enfim, a realização viva do ato de crer. Consideramos verdadeiras, pois, as verdades de fé porque consideramos que Deus existe e é “Ser Supremo” (ALES BELLO, 1998, p. 317).

Conforme Edith Stein, a filosofia se abre para os conteúdos oferecidos pela fé na medida em que não pode deduzi-los por conta própria: “não podemos aceitar as verdades da fé como evidentes, como verdades necessárias da razão ou como fatos da percepção dos sentidos: não podemos deduzi-las de verdades imediatamente evidentes de acordo com leis lógicas” (STEIN, 2007b, p. 638). Edith Stein (2019, p. 107) distingue entre uma “filosofia natural” e uma filosofia sobrenatural”, citando Gabriel Marcel (1889-1973) e Nicolas Malebranche (1638-1715) para argumentar que a filosofia pode se informar com os dados da fé e da teologia assim como utiliza dados sensíveis das ciências naturais (STEIN, 2007b, p. 632).

Não há motivos objetivos para desconfiar dos resultados do procedimento natural da filosofia cristã por parte de quem não crê... Ele fica livre para utilizar o instrumento da razão com todo rigor e recusar tudo o que lhe resultar insuficiente. E, ainda mais, depende dele seguir o caminho conosco tomando – igualmente – conhecimento dos resultados adquiridos por meio da revelação... Há, por parte dos dois lados, um meio em comum para verificar se as consequências correspondem ou não às verdades da razão. O que não crê poderá ter a paciência de chegar à visão em comum (que, para o filósofo que crê é a consequência da razão natural e da revelação) e verificar se assim adquire conhecimento mais profundo e mais amplo do ente. Se não tiver preconceitos – como é próprio do filósofo –, certamente, por sua própria convicção, não se esquivará de tentar<sup>2</sup> (STEIN, 2007b, p. 639-640).

Conforme Edith Stein, a teologia possui uma “primazia”, no sentido formal e dá a última palavra sobre a Verdade no sentido de que é a “a Palavra de Deus interpretada pelo Magistério da Igreja<sup>3</sup>” (STEIN, 2007b, p. 636). Nesse sentido, pode-se falar em uma espécie de dependência da filosofia em relação à Fé ou à Teologia, pois é a Filosofia que precisa de um “complemento”.

Se a filosofia pede à doutrina de Fé uma ampliação, desse ponto de vista há uma espécie de subordinação. Em seu ensaio sobre o confronto entre Edmund Husserl e São Tomás de Aquino, Edith Stein já falara de uma dependência “material” e “formal” da filosofia em relação à Fé, justificando-a com a observação de que, se a filosofia quer a verdade e a certeza, deve fazer referência à verdade dada pela fé e deve fazer sua a certeza da fé. Assim, utiliza-se a razão “sobrenatural” e pode-se até definir como sobrenatural a filosofia (STEIN, 2007b, p. 636).

---

<sup>2</sup> No original: *“para el incrédulo no hay motivos objetivos de desconfianza em relación con los resultados de su procedimiento natural [...]. Él es, pues, libre de emplear el marco de la razón con todo rigor y rebusar todo lo que no le sea suficiente. Aún más, de él depende seguir el camino con nosotros tomando igualmente conocimiento de los resultados adquiridos por medio de la revelación [...]. Hay de nuevo, por parte de los dos lados, una medida común para ver si las consecuencias sacadas corresponden o no a las verdades de la razón. El incrédulo podrá tranquilamente esperar para ver si es capaz de llegar a la visión común que, para el filósofo creyente es la consecuencia de la razón natural y de la revelación, y para ver si puede adquirir así conocimiento más profundo y más amplio del ente. Si no tiene prejuicios, como debe ser el filósofo según su convicción, certamente no retrocederá delante de esta tentativa”*. Tradução livre do autor.

<sup>3</sup> No original: *“la palabra de Dios interpretada por el magisterio de la Iglesia”*. Tradução livre do autor.

Somente porque a filosofia não é “pura”, não quer dizer que tenha se tornado uma teologia. Para Edith Stein, o fato de a filosofia utilizar um complemento teológico não a transforma em teologia. A teologia elabora o sentido daquilo que é dado pela Revelação. A filosofia elabora seus próprios conteúdos, principalmente aquilo que se relaciona com a compreensão dos fundamentos últimos do Ser, e procura colocá-los de acordo com os dados recebidos da fé e da teologia (STEIN, 2007b, p. 633): “ao refletirem sobre estes conteúdos, os filósofos não se tornaram teólogos... continuaram a trabalhar no seu próprio terreno e com a sua metodologia puramente racional, mas alargando a sua investigação a novos âmbitos da verdade” (JOÃO PAULO II, 1998a, 76). São João Paulo II percebeu que nesta relação entre filosofia e teologia, crentes e não-crentes podem se unir para buscar a Verdade:

O filósofo deve proceder segundo as próprias regras e basear-se sobre os próprios princípios; todavia, a verdade é uma só... a revelação cristã torna-se o verdadeiro ponto de enlace e confronto entre o pensar filosófico e o teológico, no seu recíproco intercâmbio. Espera-se, pois, que teólogos e filósofos se deixem guiar unicamente pela autoridade da verdade, para que seja elaborada uma filosofia de harmonia com a palavra de Deus. Esta filosofia será o terreno de encontro entre as culturas e a fé cristã, o espaço de entendimento entre crentes e não crentes (JOÃO PAULO II, 1998a, 79).

É curioso que Edith Stein tenha tomado esse caminho intelectual a partir de suas críticas ao idealismo de Edmund Husserl, que, inicialmente, partia da imanência da consciência para desenvolver uma ciência das essências que descreve como uma consciência pode significar o mundo. Martin Heidegger (1889-1976) já havia integrado a questão da temporalidade em “*Ser e Tempo*” (“*Sein und Zeit*”) e Edith Stein adota uma resposta diferente. De qualquer forma, esta ampliação do “*ego*” para a sua integração no ser e no mundo passa pela análise da sua relação com a existência e a sua razão de ser.

Edith Stein percebeu que a postura de Husserl implicava uma atitude vital com um pressuposto racional anterior. Quando alguém começa a filosofar, há uma decisão e uma postura pessoal, mas Husserl jamais aceitou discutir esse ponto de partida *existencial*. A morte também não se tornou um problema filosófico para Edmund Husserl, diferente de Martin Heidegger, por exemplo. Husserl seguiu um caminho que se mostrava infinito para seguir a razão natural na busca da verdade, sem abrir mão do racionalismo e do intelectualismo.

Todavia – e esta é a originalidade da proposta de Edith Stein – ela considera que, se a investigação tem como fim a verdade, qualquer contribuição, venha de onde vier, deve ser considerada válida. Portanto, se a *Revelação* fornece sugestões ou indicações, estas devem ser esclarecidas e reelaboradas. Uma pesquisa desse tipo não é, certamente, pura; é uma filosofia que “harmoniza”, declarando francamente acolher um auxílio extraordinário (ALES BELLO, 1998, p. 315)

Edith Stein queria ir além da questão metodológica e também buscou o sentido dessa pesquisa filosófica. Ela voltou-se para São Tomás de Aquino a fim de encontrar uma verdade mais “palpável” que ela procurou seguir em sua vida, especialmente ao ingressar no Carmelo Descalço: “a verdade plena é; há um conhecimento que a abarca totalmente e que não é um processo interminável, mas uma interminável e calma plenitude. Esse é o conhecimento divino” (STEIN, 2019, p. 103). Buscando a verdade, Edith Stein pôde obter seus frutos (UWE MÜLLER; AMATA NEYER, 2004, p. 187). Indo além da *razão*, São Tomás de Aquino não se restringiu ao “conhecimento natural” e se tornou um exemplo para a filosofia cristã.

À luz destas reflexões, é fácil compreender por que tenha o Magistério louvado reiteradamente os méritos do pensamento de São Tomás, e o tenha proposto como guia e modelo dos estudos teológicos. O que interessava não era tomar posição sobre questões propriamente filosóficas, nem impor a adesão a teses particulares; o objetivo do Magistério era, e continua a ser, mostrar como São Tomás é um autêntico modelo para quantos buscam a verdade (JOÃO PAULO II, 1998a, 78).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Edith Stein, a concepção de verdade é o ponto de partida do filosofar. No pensamento de São Tomás de Aquino, a Verdade está relacionada com o Ser, que tem sua razão em Deus. Apenas Deus pode captar toda a Verdade: “o caminho da fé pode reconhecer no ser eterno de Deus esse fundamento sem fundamento. O caminho filosófico formula-o de modo mais abstrato, porém solidamento lógico” (GERL-FALKOVITZ, 2019, p. 28). Nesse sentido, a filosofia, ao buscar a verdade e o ser, encontrará, em algum momento, uma relação com a fé e com Deus.

Quando o intelecto ousa seu extremo, então ele chega aos próprios limites. Retira-se para encontrar a Verdade mais sublime e derradeira, e descobre que todo nosso conhecimento é incompleto... Então, à luz da Verdade Eterna, o intelectual adquire a ideia exata de seu intelecto. Percebe que as Verdades mais sublimes e derradeiras não são desvendadas pelo intelecto humano... Por outro lado, o intelecto reconhece o campo legítimo da sua atividade natural e desempenha ali seu trabalho, da mesma forma que o agricultor prepara sua terra como algo bom e útil, mas cercado por limites estreitos, qual toda obra humana (STEIN, 2007a, p. 58)

Esta filosofia cristã steiniana teve um desenvolvimento biográfico e bibliográfico complexo, dialogando com Edmund Husserl e São Tomás de Aquino, mas indo além deles. A posição pessoal de Edith Stein (2019) surge da reflexão sobre o sentido da Verdade, que não é conhecida apenas pela razão. Se a filosofia busca compreender a realidade como um todo, também deve incluir aspectos da Verdade que se revela nas Sagradas Escrituras, tornando-se uma filosofia cristã (ALES BELLO, 1998, p. 316; SANCHO FERMÍN, 2007), pois aquele que crê não pode ignorar a sua fé.

## REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, Angela. Edith Stein (1891-1942): Filosofia e Cristianismo. In: PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (Org.). **Deus na filosofia do século XX**. Tradução: Roberto L. Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998. p. 313-322.
- ALES BELLO, Angela. The Human Being and its Soul in Edith Stein. In: TYMINIECKA, Anna-Teresa. **The Passions of the Soul: in the Metamorphosis of Becoming**. Dordrecht: Kluwer, 2003. p. 57-66.
- ALES BELLO, Angela. **The Divine in Husserl and Other Explorations**. Tradução: Antonio Calcagno. Dordrecht: Springer, 2009.
- CARMELO DE CRISTO REDENTOR. **11 de outubro de 2018: 20 anos de Canonização**. Aveiro: Carmelo de Cristo Redentor, 1998.
- COELHO JÚNIOR, Achilles G.; MAHFOUD, Miguel. A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein. **Memorandum**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 08-27, out. 2006. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/coelhomahfoud01.htm>>. Acesso em: 02 set. 2012.
- FARIAS, Moisés Rocha. **A empatia como condição de possibilidade para o agir ético**. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.
- FARIAS, Moisés Rocha; SANTOS, Gilfranco Lucena (Org.). **Edith Stein: a Pessoa na Filosofia e nas ciências Humanas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. 301 p.
- FARIAS, Moisés Rocha; VARGAS, Carlos E. de C. Análise fenomenológica da empatia na perspectiva do desenvolvimento de uma filosofia da pessoa humana. **Steiniana**, Santiago, v. 2, n. 2, p. 81-104, dez. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7764/Steiniana.2.2018.1>>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- GARCIA, Jacinta Turolo. **Edith Stein e a formação da pessoa humana**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1988.
- GARCIA, Jacinta Turolo. **Santa Edith Stein: da Universidade aos Altares**. Bauru: EDUSC, 1998.
- GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara. **Unerbittliches Licht: Versuche zur Philosophie und Mystik Edith Steins**. Dresden: Text & Dialog, 2015.
- GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara. Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino, e para além deles. In: STEIN, Edith. **Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino**. Tradução: Juvenal Savian Filho et alli. São Paulo: Paulus, 2019. p. 11-30.
- GILSON, Étienne. **O espírito da filosofia medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HUSSERL, Edmund. **Logische Untersuchungen**. Erster Teil. Prolegomena zur reinen Logik. Text der 1. und der 2. Auflage. Hrsg. von Elmar Holenstein. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1975 (Hua XVIII).

HUSSERL, Edmund. **Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie**. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie 1. Halbband: Text der 1.-3. Auflage-Nachdruck. Hrsg. von K. Schuhmann. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1976 (Hua III/1).

JOÃO DA CRUZ, São. **Obras completas**. Tradução: Carmelitas descalças de Fátima, carmelitas descalças do convento de Santa Teresa et alli. Petrópolis: Vozes: Carmelo Descalço do Brasil, 1996.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica “Fides et Ratio”**: sobre as relações entre fé e razão. Tradução: Libreria Editrice Vaticana. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1998a.

JOÃO PAULO II, São. **Homilia do Papa João Paulo II na cerimônia de canonização de Edith Stein**: 11 de Outubro de 1998. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_11101998\\_stein.pdf](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.pdf)>. Acesso em: 19 jul. 2019.

LEUVEN, Romeu; GELBER, L. **Posfácio**. In: STEIN, Edith. **A ciência da cruz**: estudo sobre São João da Cruz. Tradução: Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 257-8.

MARITAIN, Jacques. De la notion de philosophie chrétienne. **Revue Néo-Scholastique de Philosophie**, Louvain, v. 34, n. 2, p. 153-186, dez. 1932.

PEDRA, José Alberto. **Edith Stein**: uma santa em Auschwitz. Curitiba: Rosário, 1998.

SANCHO FERMÍN, Francisco J. **A Bíblia lida pela mulher**: Edith Stein e a Sagrada Escritura. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2007.

SANCHO FERMÍN, Francisco J. **100 Fichas sobre “Edith Stein”**. Avessadas: Edições Carmelo, 2008.

SANTOS, Ivaldo. O tomismo fenomenológico de Edith Stein. **Notandum**, Porto, v. 15, n. 30, p. 101-107, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand30/101-107Ivaldo.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2019.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **O toque do inefável**: apontamentos sobre a experiência de Deus em Edith Stein. Bauru: EDUSC, 2000.

SAVIAN FILHO, Juvenal. Em torno da empatia segundo Edith Stein: pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo? In: COLÓQUIO BRASILEIRO DE ESTUDOS FENOMENOLÓGICOS, 2., 2012, São João Del Rei. **Anais...** São João Del Rei, 2012.

SCIADINI, Patrício. **Edith Stein**: holocausto para o seu povo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SCIADINI, Patrício. **Edith Stein diz...** São Paulo: Edições Loyola: Edições Carmelitanas, 2005.

STEIN, Edith. **Natura, Persona, Mistica**: per una ricerca cristiana della verità. Tradução: Michele D’Ambra. 2. ed. Roma: Città Nuova, 1999.

STEIN, Edith. **A ciência da cruz**: estudo sobre São João da Cruz. Tradução: Beda Kruse. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

STEIN, Edith. Caminos del conocimiento de Dios. La “Teología simbólica” del Areopagita y sus presupuestos objetivos. In: STEIN, Edith. **Obras Completas**: Escritos Espirituales: En el Carmelo Teresiano: 1933-1942. Tradução e Org.: Julen Urquiza y Francisco Javier Sancho. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2004b. p. 123-183. v. 4.

STEIN, Edith. **Na força da cruz**. Tradução: Hermann Baaken. 3. ed. São Paulo: Cidade Nova, 2007a.

STEIN, Edith. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: STEIN, Edith. **Obras Completas**: Escritos Filosóficos: Etapa de pensamiento Cristiano: 1921-1936. Tradução: Alberto Pérez, OCD et alii. Org.: Julen Urquiza y Francisco Javier Sancho. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2007b. p. 589-1201. v. 3.

STEIN, Edith. Acto y potencia: estudios sobre una filosofía del ser. In: STEIN, Edith. **Obras Completas**: Escritos Filosóficos: Etapa de pensamiento Cristiano: 1921-1936. Tradução: Alberto Pérez, OCD et alii. Org.: Julen Urquiza y Francisco Javier Sancho. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2007c. p. 225-537. v. 3.

STEIN, Edith. **Endliches und Ewiges Sein**: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins. Edith Stein Gesamtausgabe. Band 11/12. Bearbeitet von Andreas Uwe Müller. 2ª Ausgabe. Freiburg: Verlag Herder, 2016.

STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Tradução: Maria do Carmo V. Wollny e Renato Kirchner. Revisão: Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Obras de Edith Stein).

STEIN, Edith. **Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino**. Tradução: Juvenal Savian Filho, Ursula Anne Mathias et alli. São Paulo: Paulus, 2019.

TERESA DE JESUS, Santa. **Obras completas**: edicion manual. Tradução e Prefácio: Efren de la M. Dios e Otger Steggink. 4. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1974.

UWE MÜLLER, Andreas; AMATA NEYER, María. **Edith Stein**: vida de una mujer extraordinaria. Tradução: Constatino Ruiz-Garrido. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2004.

VARGAS, Carlos E. de C. A clarificação fenomenológica de Edith Stein: ponte epistemológica entre a antropologia filosófica e a teologia simbólica. **Interações**: Cultura e Comunidade, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 165-181, jul./dez. 2012.

VARGAS, Carlos E. de C. **Origens da Fenomenologia**: sobre o desenvolvimento inicial da filosofia husserliana. Multifoco: Rio de Janeiro, 2018.

VARGAS, Carlos E. de C. **Para uma filosofia husserliana da ciência**. São Paulo: Edições Loyola, 2019.